

ROTEIROS CULTURAIS DOS

AÇORES

Personalidades



FRANCISCO
DE LACERDA

FRANCISCO Inácio da Silveira de Sousa Pereira Forjaz DE LACERDA (1869-1934) foi uma figura de grande relevo na vida cultural portuguesa do seu tempo, e um dos açorianos com maior visibilidade no estrangeiro: compositor e chefe de orquestra, exerceu a sua atividade sobretudo em França e na Suíça, mas também em Portugal e, por alguns períodos, nos Açores.

Natural da freguesia da Ribeira Seca, concelho da Calheta, Ilha de São Jorge, foi o quarto e último filho de João Caetano Pereira de Sousa e Lacerda (1829-1913) e de Maria Utília da Silveira (1829-1917), pertencentes a famílias com algum relevo social com origens nas ilhas do Pico e do Faial. O pai, homem letrado e músico amador, iniciou-o, ainda criança, nos estudos de piano, que o jovem Francisco viria a prosseguir com o professor Pedro de Alcântara, a partir de 1886, em Angra do Heroísmo, onde fez os estudos secundários. Datam desta época as suas primeiras composições conhecidas: uma mazurca, “Uma garrafa de cerveja”, e uma peça instrumental para banda, “Tristezas da Minha Alma”.

Concluídos os estudos secundários em Angra, em outubro de 1888 Francisco de Lacerda parte para o Porto, para estudar medicina, mas logo se decide pela música. Inscreve-se então no Conservatório Real de Lisboa, onde estuda solfejo, piano, harmonia e conjunto vocal, além de língua italiana. Aluno brilhante, termina o curso em 1891, sendo-lhe atribuído o primeiro prémio e um prémio pecuniário. Nesse mesmo ano é convidado para ocupar um lugar de professor provisório de piano no Conservatório, sendo, no ano seguinte, contratado como professor do quadro. Entretanto, casa-se com Isaura Roquete de Campos Soares.

Em 1895, candidata-se a uma bolsa de estudo para jovens que pretendam aperfeiçoar os estudos artísticos no estrangeiro. Apesar de a direção do Conservatório propor ao governo que Lacerda, dado o seu prestígio, seja dispensado deste concurso e lhe seja atribuída uma pensão mensal, ele recusa e sujeita-se a provas. É-lhe atribuída a bolsa, e de seguida rumo a Paris, onde estuda com, entre outros, Émile Pessard (harmonia), Louis-Albert Bourgault-Ducoudray (história da música) e Charles-Marie Widor (contraponto e órgão). É considerado um estudante de grande mérito. Mais tarde, em 1897, ingressa na *Schola Cantorum*, onde estuda com Félix Alexandre Guilmant (órgão) e Vincent d’Indy (composição).

Em Paris, conhece Eça de Queiroz, com quem estabelece relações de amizade, e encontra-se com Viana da Mota, no âmbito das comemorações do centenário de Almeida Garrett. Em 1900, visita a ilha natal, onde faz recolhas de música tradicional. De regresso a Paris, faz a sua primeira aparição pública como chefe de orquestra, com grande êxito. Nomeado membro do júri da Exposição Universal de 1900, colaborou com Ressano Garcia e António Arroio na organização da representação de Portugal. Dois anos depois, é nomeado Professor na *Schola Cantorum*. Durante este período, compõe diversas obras.

Em 1904, é nomeado diretor de concertos do Casino de La Baule (Loire Atlantique), e em 1905 dirige o concerto de abertura da *Association des Concerts Historiques de Nantes*, por ele fundada e que dirigirá até 1908. A sua “Danse du voile” é publicada na *Revue Musicale*, de Paris. O prestígio que entretanto vai ganhando é reconhecido pelo governo francês, que o distingue com o grau de Cavaleiro da Légion d’Honneur (1906).

Em 1908, Lacerda assina contrato anual como responsável artístico da orquestra do *Kursaal*, em Montreux, que se prolongará até 1912, onde apresenta obras de compositores ainda pouco

conhecidos como Borodine, Mussorgsky, Fauré, Chausson e Debussy. Em Portugal, o rei D. Manuel II concede-lhe o grau de Oficial da Ordem de Santiago (1910).

Após a morte do pai, em 1913, e terminada a temporada de 1912-1913 dos *Grandes Concertos Clássicos de Marselha*, que dirigiu, Lacerda regressa a São Jorge, por razões de saúde, onde permanece até 1921 com residência na Urzelina, passando longos períodos na casa de família na Fajã da Fragueira. Durante estes anos, recolhe e estuda a música tradicional, e dedica-se à composição: compõe “Os Reis”, para vozes, metais e bateria, e “Minha mãe casai-me cedo”, para vozes femininas solistas e coro misto, e ainda cantos religiosos de caráter popular. Muda-se para Lisboa, onde organiza as primeiras sessões de “Uma hora de arte”, cria a “Pró-Arte” com o apoio de Raul Lino, Afonso Lopes Vieira, Eugénio de Castro, entre outros, e funda e dirige a Filarmonia de Lisboa. Em 1924, Lacerda retoma a sua carreira de chefe de orquestra em França e na Suíça, e dirige novamente (e até 1928) os *Grandes Concertos Clássicos de Marselha*, com audições integrais de obras como a “Paixão Segundo São João” e a “Paixão Segundo São Mateus”, a “Missa em si menor” e o “Magnificat”, de Bach, a “Missa Solene”, de Beethoven, “Um Requiem Alemão”, de Brahms, o “Parsifal”, de Wagner, “La Vida Breve”, de Manuel de Falla, e “La Demoiselle Élue”, de Debussy. Fixa-se definitivamente em Lisboa, onde orienta a representação musical portuguesa na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, e continua a trabalhar, procedendo a recolhas de música tradicional do Algarve.

Morre a 17 de junho de 1934, vítima de tuberculose. No ano seguinte, decorrem em França várias homenagens à sua memória, sendo de destacar a execução das suas “Trovas” pela orquestra de Nantes, dirigida por Pedro de Freitas Branco, e pela orquestra da *Association Artistique de Marseille*.

A elaboração e recolha dos textos que constituem este guia são devedoras de:

João Caetano de Sousa e Lacerda. *Cartas a Francisco de Lacerda*. Introdução, fixação do texto e notas por Teresa e J. M. Bettencourt da Câmara. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1988.

José Bettencourt da Câmara. *Francisco de Lacerda, Musicien Portugais en France (1869-1934)*. Paris: Centre Culturel Gulbenkian, 1996.

Para a definição do percurso e identificação de locais e imóveis, contámos com a prestí-mosa colaboração de António Lopes Gomes.

Nota: Os textos citados respeitam a grafia anterior ao Acordo Ortográfico.





FRANCISCO
DE LACERDA

ROTEIROS CULTURAIS DOS

AÇORES

Personalidades



UM PERCURSO de FRANCISCO DE LACERDA
PELA ILHA de S. JORGE seguindo as palavras de seu Pai

Enquanto Francisco de Lacerda vivia e trabalhava em Lisboa, em França e na Suíça, o seu pai, **João Caetano de Sousa e Lacerda** (1829-1913), escrevia-lhe longas cartas ao ritmo dos paquetes que demandavam a Ilha de São Jorge, onde residia. Nessas cartas, João Caetano dava notícias da família e conhecidos, e dos mais variados aspetos da vida local e pessoal – as colheitas, as condições do tempo, as mortes, a saúde, as leituras –, discutia ideias políticas e, com muita frequência, dava ao filho conselhos e comentava, orgulhosamente, a atividade profissional dele. É com base nestas cartas – sempre iniciadas por “Meu querido Francisco” – que aqui deixamos esta proposta de percurso por S. Jorge.

INÍCIO DO PERCURSO EM VIATURA

A partir do Porto da Calheta, seguir em direção à **Estrada Regional 1-2 A**, subindo-a, e depois, no primeiro cruzamento, virar à direita na Rua de Baixo, continuando pelo ramal da **Estrada Regional 1-2 A** em direção à freguesia de **Ribeira Seca** (3,7 Km).

Entrando na **Ribeira Seca**, seguir até à



5 Casa onde nasceu, Francisco de Lacerda

"Não imaginas como fiquei agradavelmente surpreendido com o agradecimento que foi dar-te, pela tua cooperação, a neta do nosso velho amigo A. Dumas! Quem diria que, nascido e criado na obscuridade de uma aldeia dos Açores, tu irias um dia receber em Paris os cumprimentos duma petite fille do imortal romancista, tão conhecido e tão estimado aqui! Decididamente a vida tem surpresas muito mais inverosímeis do que as imaginadas pelos romancistas."

De seguida, regressar pelo mesmo caminho em direção à



6 Igreja paroquial, onde o Maestro foi batizado

À ilharga norte da Igreja encontra-se a



7 Casa de Gaspar Silva, amigo de João Caetano

"Gaspar Silva sempre quer o remédio para a diabetes. Disse-lhe que não estavas agora em Paris, mas que sempre falaria disto, porque talvez tivesses na capital pessoa que pudesse expedir o medicamento para Lisboa".

De seguida, retomar o caminho municipal em direção à **Fajã dos Vimes** (7,3 Km) onde, na **Ermida de S. Sebastião**, se encontra o



8 Harmónio enviado de Paris por Francisco de Lacerda, a pedido de seu pai, e pago pela comissão da Ermida

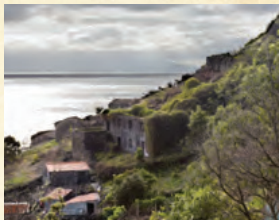
"Cá fico esperando o harmonium. [...] Se o harmonium não estiver já comprado, comprar um do custo de cento e dez mil reis insulanos, aproximadamente, visto o câmbio ter deixado mais do que se esperava. Meterás em conta a comissão pelo teu trabalho e tempo gasto, por isso que o tempo é dinheiro."



9 Ribeira do Calhau

"O pobre estafeta – o mais moço dos filhos do mestre Francisco Vasconcelos – chega alagado sem um fio enxuto. Ainda tentou passar a ribeira do calhau, contra o meu aviso, mas regressou sem se atrever a atravessá-la. Fez bem; quando o vi insistir a caminhar para a Fajã não fiquei sossegado."

até se chegar à



10 Fragueira

Ou a Fragueira, ou Paris

Francisco de Lacerda

"Vinhámos passar dois meses de verão – Agosto e Setembro – na nossa pequena casa da Fragueira, onde afinal fixei a minha residência".

O edifício mais importante da pequena Fajã, hoje em ruínas, é a



11 Casa da Fragueira, onde vivia João Caetano e onde Francisco de Lacerda passou grandes temporadas, tanto na infância como na vida adulta

"Vinhámos passar dois meses de verão – Agosto e Setembro – na nossa pequena casa da Fragueira, onde afinal fixei a minha residência. Sumias-te muitas vezes de casa para ires cavar em uma nesga de terreno maninho ao fim da canada que dá para a costa do mar. Lá te encontrarei muitas vezes em fralda de camisa, cavando ou sentado a descansar e a comer o pedaço de pão que a mãe te dava para merendares. [...] Ainda hoje quando passo por lá vejo-te retratado, como então eras, no espelho da imaginação, cavando ou descansando, com a cabeleira loira agitada pela brisa da tarde..."

Do balcão desta casa, com uma vista magnífica sobre o mar, João Caetano acompanhava o movimento dos navios que demandavam a ilha:



12

"Quando emparelhou com a Fajã dos Vimes o navio cortou em ângulo recto no rumo de nossa casa e foi então que compreendi a manobra do nosso amigo comandante. [...] Chegando ao longo da costa defronte da nossa casa o navio apitou e abanaram da ponte. Respondeu-se-lhes no mesmo instante, abanando-se de cá e fazendo com a bandeira as três saudações do estílo."

Depois de visitar os anexos da casa, igualmente em ruínas - a **[13]** adega, o **[14]** pequeno forno construído por João Caetano para a neta Bebê, filha de Francisco de Lacerda, ou a **[15]** casa do bote



13

14

15

Subir o trilho em degraus,



16

que conduz até à



17 Ermida do Portal, já no caminho municipal

"É hoje o dia da festa de N. S. da Boa Viagem, na sua ermida do Portal. Não fui, porque já tomei medo à Fragueira. Ainda há dois ou três anos custava-me menos subi-la do que hoje me custa vir do porto para casa. Tão rápida é a nossa decadência física!"

PERCURSO EM VIATURA

Depois de apreciar o panorama sobre o mar e a **Ilha do Pico**, em frente, retomar o caminho municipal em direção à **Ribeira Seca**, e daí, passando pelo **Caminho Novo**, convergir com a **Estrada Regional 2-2 A** e segui-la na direção da vila do Topo. Já na Serra do Topo, nas proximidades do Parque Eólico, encontra-se, sobre o lado esquerdo, o trilho que conduz à **Fajã dos Cubres**, passando pela **Caldeira de Santo Cristo**, na costa Norte da Ilha.

PERCURSO PEDESTRE

10 km, em trilho linear, devidamente assinalado, com grau de dificuldade médio. Depois de passar uma ponte e a **Caldeira de Cima**, obtém-se, numa curva do caminho, uma bela **[18]** vista da **Caldeira de Santo Cristo**, com as ilhas **Graciosa** e **Terceira** ao longe, onde os visitantes se despediam da **Caldeira** quando regressavam pelo caminho da Serra:



18

"Era com triste apreensão e indizível saudade que, do alto da ilha, nos despedíamos da Caldeira até ao ano seguinte. Esta despedida repetiu-se anos e anos, até que chegou o dia do último adeus. Vocês emigraram do ninho paterno, arrebatados pela corrente da vida que só pára com a morte. Assim ausentes como estavam, a nossa romaria deixara de ter razão de ser; findou, como tudo finda neste mundo..."



SÃO JORGE

Chegando à



19 Caldeira de Santo Cristo

encontra-se a [20] casa onde a família Lacerda passava férias. Depois, passando pela [21] Igreja de Santo Cristo,



20



21

"Apenas chegávamos à Caldeira vinham visitar-nos os vizinhos do lugar, uns com cabaças de leite, outros com batatas, outros com batatas e peixe – as magníficas bocas-negras, escaladas, que não têm iguais em parte alguma."

retoma-se o trilho, que passa pela Fajã dos Tijolos e pela Fajã do Belo, até à Fajã dos Cubres, onde se segue um novo

PERCURSO EM VIATURA

Seguir até à freguesia de Norte Pequeno (4 Km), tomando-se depois a Estrada Regional 1-2 A em direção à costa Sul da Ilha, até à freguesia das Manadas (14,7 Km), onde se pode visitar a



22 Igreja de Santa Bárbara, monumento nacional

Regressar à Estrada Regional 1-2 A, seguir até à freguesia de Urzelina (4,4 Km), e apreciar a



23 Casa de família, onde Lacerda viveu e trabalhou entre 1913 e 1921

"Escrevo-te da Urzelina. Aqui estou há oito dias e destino regressar à Fragaqueira amanhã."

Passar pelo Porto da Urzelina, importante porto de exportação de laranjas à época, onde ainda se vê, junto ao antigo varadouro, uma



24 Baixa, perigosa para as manobras de navegação

"O bote encalhara numa baixa (os que estavam em terra ouviram o choque) que está entre o cais e o varadouro, caindo à banda no escoante e tornando a endireitar com a cheia. Esta oscilação foi bastante para caírem ao mar os dois tripulantes e afogarem-se."

Regressar à Estrada Regional 1-2 A, e seguir (9 Km) até à



25 Vila das Velas

"Há muito que andava com o desejo de ir às Velas visitar uns velhos amigos. Fomos lá anteontem eu e José."

onde termina este percurso pela Ilha de S. Jorge de Francisco de Lacerda, que fizemos seguindo as palavras que seu pai lhe dirigia nas suas cartas - que, pelo seu colorido e riqueza de pormenores, e sobretudo pela sua nostalgia, avivavam no filho ausente a memória da sua Ilha natal.

- 1869** **11 de maio:** FRANCISCO DE LACERDA nasce na freguesia da Ribeira Seca, concelho da Calheta, Ilha de São Jorge.
-
- 1883** Início dos estudos de piano com seu pai.
-
- 1886** Estudos secundários em Angra do Heroísmo, prosseguindo aí a sua aprendizagem musical com Pedro de Alcântara. Compõe a mazurca “Uma garrafa de cerveja” e a fanfara para banda e instrumental, “Tristezas da Minha Alma”.
-
- 1888** **Outubro:** desloca-se para o Porto para frequentar os preparatórios de Medicina, de que logo desiste para se dedicar inteiramente à Música.
-
- 1889** **11 de fevereiro:** chega a Lisboa, onde inicia os seus estudos no Conservatório Real.
-
- 1891** **20 de agosto:** conclui o curso no Conservatório Real de Lisboa, obtendo o primeiro prémio e um prémio pecuniário. **30 de novembro:** convidado para um lugar de professor provisório de piano no Conservatório.
-
- 1892** **30 de julho:** casa-se com Isaura Roquete de Campos Soares. **21 de novembro:** contratado como professor de piano do Conservatório Real de Lisboa.
-
- 1895** **31 de agosto:** candidata-se a uma bolsa de estudo governamental para jovens que pretendam aperfeiçoar os estudos artísticos no estrangeiro. **3 de setembro:** é-lhe atribuída a bolsa, e de seguida rumo a Paris, onde estuda com, entre outros, Émile Pessard, Louis-Albert Bourgault-Ducoudray e Charles-Marie Widor. É considerado um estudante de grande mérito.
-
- 1897** Ingressa na *Schola Cantorum*, onde estuda com Félix Alexandre Guilmant (órgão) e Vincent d’Indy (composição). Termina a composição de “Na fonte – Idílio Rústico”.
-
- 1898** Conhece Eça de Queiroz, com quem estabelece relações de amizade. Compõe “L’Indifférent”, para canto e piano.
-
- 1899** Encontra-se com Viana da Mota, no âmbito das comemorações do centenário de Almeida Garrett em Paris. Compõe “Des papillons de jour”, para canto e piano.
-
- 1900** Estadia em São Jorge, onde faz recolhas de música tradicional. De regresso a Paris, faz a sua primeira aparição pública como chefe de orquestra, com grande êxito. Nomeado membro do júri da Exposição Universal de 1900, colaborou com Ressano Garcia e António Arroio na organização da representação de Portugal. Compõe “Zara”.
-
- 1902** Professor na *Schola Cantorum*. Compõe “Adamastor” para orquestra; termina “Les morts” para barítono e orquestra, e inicia a composição de “Trente-six histoires pour amuser les enfants d’un artiste”.
-
- 1903** Dirige um concerto na Sala Pleyel, em Paris.
-
- 1904** Nomeado diretor dos concertos do Casino de La Baule (Loire Atlantique). **1 de abril:** publicação de “Danse du voile” (*Revue Musicale*, Paris).
-
- 1905** **29 de dezembro:** concerto de abertura da *Association des Concerts Historiques de Nantes*, fundada por Lacerda, que a dirigirá até 1908.
-
- 1906** **27 de fevereiro:** Distinguido com o grau de *Chevalier da Légion d’Honneur*.
-
- 1907** **26 de agosto - 12 de setembro:** estadia em Munique, onde assiste a obras de Wagner.
-
- 1908** **1 de setembro:** assina contrato anual como responsável artístico da orquestra do Kursaal, em Montreux, que se prolongará até 1912, onde apresenta obras de compositores ainda pouco conhecidos como Borodine, Musorgsky, Fauré, Chausson e Debussy.
-
- 1910** Distinguido com o grau de *Oficial da Ordem de Santiago*, pelo rei D. Manuel II.
-
- 1911** Escreve a música de cena para a peça “L’Intruse”, de Maeterlinck.

- 1912** Estadia nos Açores, onde pela última vez vê o pai. **20 de outubro**: início da temporada de 1912-1913 dos *Grandes Concertos Clássicos de Marselha*, dirigidos por Lacerda.
-
- 1913** **Abril**: morte do pai, na Fragueira. Francisco de Lacerda regressa aos Açores, por razões de saúde, onde permanece até 1921 com residência na Urzelina, passando longos períodos na casa de família na Fragueira.
-
- 1916** Compõe “Os Reis”, para vozes, metais e bateria, e “Minha mãe casai-me cedo”, para vozes femininas solistas e coro misto.
-
- 1917** Compõe cantos religiosos de caráter popular.
-
- 1921** Vende alguns dos seus bens em São Jorge e parte para Lisboa. Apenas conserva a Fragueira.
-
- 1922** Organiza as primeiras sessões de “Uma hora de arte”. **Julho**: publicação de *Trente-six histoires pour amuser les enfants d'un artiste* (Revista Contemporânea, Lisboa). Compõe “Para o túmulo de Afonso de Bragança”.
-
- 1923** Cria a “Pró-Arte” com o apoio de Raul Lino, Afonso Lopes Vieira, Eugénio de Castro, entre outros; funda e dirige a *Filarmonia de Lisboa*.
-
- 1924** Retoma a sua carreira de chefe de orquestra em França e na Suíça. **17 de fevereiro**: dirige um concerto com a sua orquestra em Marseille. **7 de abril**: dirige a *Paixão Segundo São Mateus*, de Bach, no Théâtre Graslin, em Nantes, e posteriormente em *La Rochelle*. **15 de maio**: dirige *A Paixão Segundo São João*, de Bach, em Paris. Compõe “Serenata a una muerta”, para guitarra, dedicada a Andrés Segovia. Corresponde-se com Manuel de Falla.
-
- 1925** Dirige novamente (e até 1928) os *Grandes Concertos Clássicos de Marselha*, com audições integrais de obras de Bach, Beethoven, Brahms, Wagner, Manuel de Falla e Debussy.
-
- 1928** **8 de janeiro**: dirige o seu último concerto no estrangeiro, em Marseille. Fixa-se em Lisboa, por razões de saúde. Estreia da versão orquestral das “Trovas” (1.ª série), no Teatro Tivoli. Inicia a preparação do *Cancioneiro Musical Português*.
-
- 1929** Orienta a representação musical portuguesa na Exposição Ibero-Americana de Sevilha. **Janeiro**: publica a poesia “Serenata” na revista *Os Açores*, de Ponta Delgada. **15 de agosto**: compõe a poesia “Pastoral”.
-
- 1933** **4 de fevereiro**: interpretação parcial das “Trovas”, num dos Concertos Padeloup, em Paris, pela cantora Madeleine Grey.
-
- 1934** Propõe a criação da Secção de Folclore na Junta de Educação Nacional; recolhe música tradicional no Algarve. **17 de junho**: Morre em Lisboa, vítima de tuberculose.
-
- 1935** **1 de abril**: execução das Trovas, em Nantes, pela orquestra local dirigida por Pedro de Freitas Branco. **17 de novembro**: execução da mesma obra, pela orquestra da *Association Artistique de Marseille*. Publicação do *Cancioneiro Musical Português*.

Meu querido Francisco

“Sumias-te muitas vezes de casa para ires cavar em uma nesga de terreno maninho ao fim da canada que dá para a costa do mar. Lá te encontrei muitas vezes em fralda de camisa, cavando ou sentado a descansar e a comer o pedaço de pão que a mãe te dava para merendares. Conseguiste enfim - a poder de quantas fadigas! - fazer uma pequena horta que semeaste de batatas. Deu a colheita coisa de uma quarta que nos vendeste por 60 réis. Foi o primeiro dinheiro que pudeste chamar legitimamente teu, por ser ganhado com bastantes suores. Logo de seguida - movido pela ambição - começaste a arrotear outra nesga de terreno mais abaixo, a que puseste o nome de Queimada de Baixo, para destrinça da primeira a que deras o nome de Queimada, naturalmente pelos calores que lá suportaste. Ambas foram já lambidas pelo mar, mas a recordação, essa ficou!

Ainda hoje quando passo por lá vejo-te retratado, como então eras, no espelho da imaginação, cavando ou descansando, com a cabeleira loira agitada pela brisa da tarde...”

Teu pai
J. C.



Governo dos Açores

PRÉSIDÊNCIA DO GOVERNO
Direcção Regional da Cultura



cultura
governo dos açores

produção e coordenação_ Direcção Regional da Cultura dos Açores / Abril de 2012

direcção científica e textos_ Luiz Fagundes Duarte

fotografia, concepção e impressão_ Bizex Projectos

isbn_ 978-972-647-275-9 depósito legal_ 342362/12

© Direcção Regional da Cultura dos Açores, todos os direitos reservados

FRANCISCO
DE LACERDA



Personalidades

ROTEIROS CULTURAIS DOS
AÇORES